

# O MULTICULTURALISMO E UM NOVO OLHAR SOBRE O OUTRO: A IMPORTÂNCIA DE SE EDUCAR PARA A DIVERSIDADE

## MULTICULTURALISM AND A NEW LOOK ON THE OTHER: THE IMPORTANCE OF EDUCATING FOR DIVERSITY

Angela Issa Haonat **1**  
Edilia Ayres Neta Costa **2**

**Resumo:** O presente artigo propôs uma reflexão sobre os caminhos de uma nova visão sobre o outro, sua cultura, seus costumes, numa abordagem educacional buscando fazer a ponte entre a responsabilidade da educação em promover a mudança para uma concepção crítica de convivência com as diferentes identidades culturais. A abordagem lança um olhar plural sobre o contexto escolar e seus desafios em expandir a postura multicultural para além das disciplinas curriculares, estimulando a percepção de uma cidadania plural, sensível às diferenças que motive a ruptura de processos excludentes e a construção de um novo olhar sobre o outro e suas nuances identitárias.

**Palavras-chave:** Multiculturalismo. Educação. Identidade. Tolerância. Diversidade Cultural.

**Abstract:** The present article proposed a reflection on the educational process and its responsibility in the construction of a new look on the other, its culture and identity in a multicultural approach. We tried to investigate the importance of the school as a center of social transformation in search of new ways leading to a change from a monocultural vision to a pedagogical one that emphasizes the reflection on diversity and cultural plurality. We tried to reflect on the challenges of the school and its trainers, on the rupture of exclusion processes and on the construction of a new look on the other and its nuances of identity, thereby collaborating, by the learning teaching process, on building a society that is more sensible of and empathic with different cultures.

**Keywords:** Multiculturalism. Education. Identity. Tolerance. Cultural Diversity.

---

Doutora em Direito do Estado com ênfase em Direito Constitucional **1**  
pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP. Professora do  
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Prestação Jurisdicional  
e Direitos Humanos pela Universidade Federal do Tocantins-UFT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9421403351506139>. E-mail: [angelahaonat@uft.edu.br](mailto:angelahaonat@uft.edu.br)

Mestranda Profissional e Interdisciplinar em Prestação Jurisdicional e **2**  
Direitos Humanos pela Universidade Federal do Tocantins-UFT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7201955484343029>. E-mail: [bddila@gmail.com](mailto:bddila@gmail.com)

## Introdução

O presente artigo buscou apresentar algumas reflexões sobre os desafios de se promover uma educação voltada para a empatia e o respeito pela diversidade cultural em nossa sociedade e a importância de se perceber a necessidade do diálogo entre educação e multiculturalismo.

O reconhecimento de outras formas e expressões do saber, superando paradigmas de culturas mais ou menos 'desenvolvidas' torna-se primordial para uma convivência pacífica, com políticas sociais igualitárias e principalmente para a concretização de direitos, como os humanos, que abarquem as minorias, através de políticas públicas eficientes que dêem proteção ao patrimônio cultural diversificado e contra-hegemônico.

Em tempos de grande diversidade tanto cultural, quanto social e política, a busca pelo respeito ao outro tem se tornado uma questão de sobrevivência, uma vez que o culto ao ódio em relação ao que nos é diferente, àqueles que não expressam nem comungam com nossas identificações tornou-se habitual no cotidiano das sociedades contemporâneas. Não conseguimos mais respeitar o que não pertence ao nosso ideal de grupo ou a nossa concepção de mundo.

Esse cenário de diversidade versus extremismos coloca na conta do sistema educacional a responsabilidade de assegurar práticas que incentivem o respeito e a preservação dos direitos de todos em expressar suas identidades e diferenças. A educação pragmática, plural, visando construir uma transformação crítica do indivíduo e conseqüentemente do meio social em que convive, abordando uma concepção multicultural e o diálogo entre as diversas formas e expressões de viver e ser, torna-se primordial para uma convivência pacífica, que promova a inclusão das minorias e a preservação das origens culturais de cada um, dando continuidade à herança imaterial que mantém viva a história de um povo.

O percurso metodológico percorrido será o dedutivo, partindo de uma abordagem qualitativa, descritiva, indireta a partir da análise bibliográfica de artigos, livros publicados sobre o tema, legislação e teses dissertativas que abordam a temática desenvolvida.

## O multiculturalismo e a importância de se educar para a diversidade e o respeito

Originado nos Estados Unidos no século XIX, com o objetivo de combater a discriminação racial, despontando como ferramenta de combate a opressão sofrida pelas minorias, o movimento foi aderido pelas universidades e movimentos sociais que começaram lutar pela conquista de espaço nas políticas públicas de reconhecimento social.

À esse conjunto de políticas públicas que visem assegurar a convivência pacífica baseada no respeito à diversidade cultural, consolidou-se o termo multiculturalismo, renovando a ideia de que as culturas devem conversar entre si e não simplesmente fecharem-se em grupos que não compartilham, nem interajam, pois é o processo de existência harmoniosa e plural que conduz ao enriquecimento da diversidade cultural.

Ainda que defendido por alguns autores como sendo a convivência pacífica de várias culturas em um mesmo ambiente social, o termo multiculturalismo abrange nuances que uma definição rasa não abarca totalmente. Para a sociologia o termo remonta as ciências sociais, pressupondo a interligação das culturas entre si, para alguns antropólogos o termo sugere a inexistência de uma visão multicultural, salientando a existência na verdade da imposição de uma cultura sobre outra.

Conforme McLaren (1997) o multiculturalismo estaria sustentado em quatro vertentes: o conservador; o liberal por ingenuidade; o liberal de esquerda e o multiculturalismo crítico.

A realidade é que a diversidade cultural, ocasionada ora pelas formas de colonização que levou povos de diferentes crenças a conviverem em um mesmo território, ora pela globalização que espalhou pelo mundo correntes migratórias impulsionadas por fatores econômico, trouxe consigo também a reflexão sobre o modo como estamos lidando com as diferenças étnicas, culturais, de gênero e religiosas nas sociedades atuais.

Conforme preceituou Boaventura de Sousa Santos e João Arriscado Nunes (2003) Mul-

ticulturalismo, justiça multicultural, cidadanias plurais e direitos coletivos são algumas expressões que definem as tensões entre o reconhecimento das diferenças e a realização da igualdade.

os direitos humanos têm que ser reconceptualizados como multiculturais. O multiculturalismo [...] é pré-condição de uma relação equilibrada e mutuamente potenciadora entre a competência global e a legitimidade local, que constituem os dois atributos de uma política contra-hegemônica de direitos humanos no nosso tempo. Prossegue o autor defendendo a necessidade de superar o debate sobre universalismo e relativismo cultural, a partir da transformação cosmopolita dos direitos humanos. Na medida em que todas as culturas possuem concepções distintas de dignidade humana, mas são incompletas; haver-se-ia que aumentar a consciência dessas incompletudes culturais mútuas, como pressuposto para um diálogo intercultural. A construção de uma concepção multicultural dos direitos humanos decorreria desse diálogo intercultural. (SANTOS apud PIOVESAN, 2008, p. 153-154)

Na atual sociedade globalizada encontrarmos dificuldade em precisar uma definição que envolva toda a amplitude que o termo remonta, não podemos deixar de associá-lo à luta por reconhecimento das diferenças, afastando a ideia de superioridade de uma cultura em relação a outra, bem como evitando a supervalorização de uma em detrimento da outra.

Apesar das críticas e discussões em relação ao conceito da questão multicultural, principalmente pelos próprios atores presentes na luta pelo reconhecimento da diversidade, não pode passar despercebida o singular ponto de convergência que abraça o dinamismo do termo, não aceitando simplesmente a mera designação de existência de culturas diversas, mas olha pelo prisma da necessidade de se perceber os conflitos e relações presentes na coexistência de culturas diversas separadas pelos mais diferentes motivos, sejam econômicos, religiosos ou políticos.

O multiculturalismo surge principalmente com a preocupação de valorização das manifestações culturais próprias de cada grupo. Ele busca não somente o respeito, busca a tolerância, a essência do aceitar o outro e suas escolhas. Ele visa equilibrar a pressão entre a diferença e a igualdade, entre a minha cultura e a cultura do outro. A cultura, conforme muito bem conceituou Santos e Nunes (2003, p 27) é:

definida como repositório do que de melhor foi pensado e produzido pela humanidade, a cultura, neste sentido, é baseada em critérios de valor, estéticos, morais ou cognitivos que, definindo-se a si próprios como universais, elidem a diferença cultural ou a especificidade histórica dos objetos que classificam.

Nessa perspectiva o termo multiculturalismo renova a concepção de que as culturas devem conversar entre si e não simplesmente fecharem-se em grupos que não compartilhem, nem interajam, pois o processo de existência plural conduz ao enriquecimento da diversidade cultural. Até mesmo por que, segundo as palavras de Charles Taylor (1997, p.83) “todas as sociedades estão a tornar-se cada vez mais multiculturais e, ao mesmo tempo, mais permeáveis”.

## **Identidade e globalização**

O conceito de identidade estaria muito ligado ao sentimento de pertencimento, sendo construído num processo contínuo conforme bem afirma Dubar (1997) “a identidade nunca é dada, é sempre construída”. Nessa perspectiva a essência da identidade seria delineada a partir dos ciclos de convivência entre as pessoas e os vínculos construídos a partir dessa conexão.

Enquanto Bauman(2005) conceitua identidade como autodeterminação, estando rela-

cionada as batalhas pelas minorias diante da necessidade de lutar por seus direitos quando estes forem ultrajados pela minoria dominante. A identidade segundo Bauman (2005) somente emergiria nos momentos de embates e que depois destes estaria silenciada. O autor conclui que:

[...] as batalhas por identidade travadas na realidade empírica, propriamente dita, e as “práticas identitárias” realmente executadas não chegam perto da pureza das teorias e plataformas políticas declaradas. Além de que, as batalhas de identidade não podem realizar a sua tarefa de identificação sem dividir tanto quanto unir, suas intenções includentes se misturam com suas intenções de segregar e excluir. (p.85).

Enquanto que para Charles Taylor (1997, p.45) a identidade seria a maneira como a pessoa se define, como é que suas características fundamentais fazem dela um ser humano, conforme acrescenta o autor:

A tese consiste no fato de a nossa identidade ser formada, em parte pela existência ou inexistência de reconhecimento e, muitas vezes, pelo reconhecimento incorreto dos outros, podendo uma pessoa ou grupo de pessoas serem realmente prejudicadas, serem alvo de uma verdadeira distorção, se aqueles que os rodeiam reflectirem uma imagem limitativa, de inferioridade ou desprezo por eles mesmos. (1997. P. 45).

Assim para o autor, o convívio com os outros possibilitariam a formação da identidade, através da comunicação e do debate. O reconhecimento ou não reconhecimento estariam intimamente ligadas a formação da identidade do indivíduo. O convívio com o outro, através das experiências sociais define nossas nuances identificatórias.

Para Castells a identidade seria construída a partir do convívio e essa construção seria organizada pela importância e significado dos autores e instituições responsáveis por essa construção. O autor lista três formas de construção de identidades: Identidade legitimadora: instituída pelas organizações dominantes. Identidade de resistência: originada na resistência coletiva frente a qualquer tipo de opressão, sendo por si segundo o autor a mais importante na construção identitária de nossa sociedade. E finalmente a identidade de projeto que seria edificada pelos sujeitos da sociedade no processo de transformação de sua posição social.

O processo de construção da identidade segundo Bourdieu (1989) estipula diferenças e as regionaliza. O autor destaca o caráter construído da identidade, advindo principalmente do processo político de reivindicação de interesses de um grupo, que nesse exercício constrói seu sentimento de pertencimento.

O fato é que o conceito de identidade vem se aperfeiçoando e transformando-se ao longo dos tempos, flui e evolui a partir da contextualização do sujeito no convívio social.

Este conceito tem se tornado cada vez mais abrangente quando pensamos na proporção impactante que a globalização imprime a ideia de espaço-tempo muito fugaz, encolhendo distâncias e conseqüentemente tornando cada vez mais homogêneo as culturas, enfraquecendo com isso as características singulares que tanto enriqueciam e fortaleciam as identidades culturais e o seu processo de construção.

A celeridade com que a globalização tem transformado o mundo e polarizado as sociedades através do controle econômico de grandes grupos de poder, tem também promovido o esvaziamento das características identitárias, bem como gerado influência de uma sobre outra. O que contradiz o caráter híbrido e heterogêneo da construção da identidade e dos valores culturais,

O processo de globalização conduz a homogeneização das características culturais através da imposição de comportamentos pelos grupos dominantes, o que dissemina e oficializa a intolerância e o desrespeito a identidade e a cultura do outro.

A ideia de uniformização cultural bastante promovida pelos estados liberais com objetivos meramente econômicos e políticos de apropriação, desconstituem a diversidade e acabam por construir a imagem do outro na condição de inimigo.

Além de desconstruir os parâmetros de identidade, já que a construção da identidade nasce principalmente do sentimento de pertencimento de classe e de resistência às opressões e pelas lutas de reconhecimento como bem conceituou Nancy Fraser (2003<sup>a</sup>, p.75 ) quando relaciona a visão do multiculturalismo como estratégia de reconhecimento propondo a reparação do desrespeito através da valorização das identidades, objetivando corrigir o prejuízo causado pelos padrões culturais dominantes à auto compreensão individual e grupal ao negar a estes o reconhecimento de sua identidade cultural. Fraser correlaciona luta por reconhecimento com as desigualdades sociais e as perspectivas do movimentos identitários.

### **Educação e diversidade cultural**

As discussões sobre a diversidade cultural e a importância de se produzir nas diversas esferas sociais, principalmente na área educacional, o discurso sobre a importância do respeito ao panorama multicultural e a necessidade de se lançar um novo olhar voltado para o reconhecimento e valorização das diversas identidades culturais existentes em nosso país e que são consonantemente apagadas ou relegadas a condição de inexistentes nos programas curriculares educacionais.

O multiculturalismo em suas diversas formas de expressão vem com a força que somente a natureza possui a complexidade de explicar: exigir das esferas plurais da sociedade a abertura de caminhos que alarguem estratégias educacionais que contribuam para o preparo de uma sociedade que promova o diálogo entre as culturas e a suplantação dos extremismos.

A área educacional não pode mais contentar-se em simplesmente fechar o seu campo de visão apenas ao limite rígido das disciplinas curriculares, numa sociedade em que as diferenças de identidade culturais desafiam o campo do saber e constroem relações sociais, muitas das vezes, baseadas no preconceito e em visões essencialistas.

O multiculturalismo desponta como uma alternativa mais que viável de estabelecer diálogo entre as manifestações diversas de cultura e identidade, apresentando um olhar plural que visa contribuir para a edificação de alternativas educacionais que preservem a vida e o respeito a existência do “outro”.

Nessa perspectiva a educação mais do qualquer outra esfera tem o poder disseminador e transformador de desconstrução de paradigmas e dogmas homogeneizadores, trazendo em suas práticas pedagógicas posturas de superação de preconceitos e disseminação de discussões que visem descortina um horizonte de pluralidade cultural e preceitos alternativos que valorem as diferenças desde suas nuances mais simples até as mais complexas.

Os parâmetros curriculares brasileiro apresentam timidamente a importância de uma educação voltada para a temática do multiculturalismo, mas adentrando de forma simplória na seara do respeito e mais simplória ainda na temática do empoderamento e valorização das diferenças culturais em sua essência.

Os indicativos se concentram muito mais no ensino de História e Geografia, que no enfoque de mudança de visão com relação ao convívio pacífico, saudável e positivo na educação para o reconhecimento e valorização da identidade cultural e suas nuances, suas contribuições ao longo da convivência social, política e cultural. Conceitua que o grande desafio da escola é vencer e superar a discriminação, esquecendo de conceituar que a grande responsabilidade da escola é abrir os horizontes do cidadão para uma nova visão de identificação, empatia, respeito e valorização do modo de agir, sentir e viver do outro. É a superação dos conceitos homogeneizadores dos centros de poder e a luta pela manutenção das diferenças, com o convívio pacífico, reconhecendo a importância de cada traço cultural para a diversidade social e humana. Em seus temas transversais os Parâmetros Curriculares Nacionais, preceitua sobre a educação e diversidade cultural:

O grande desafio da escola é investir na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza representada

pela diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. Nesse sentido, a escola deve ser local de diálogo, de aprender a conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando as diferentes formas de expressão cultural.

Ainda que demonstre a preocupação com o caráter de respeito as manifestações culturais diversas, os parâmetros curriculares enfocam ainda uma visão fragmentada do multiculturalismo, preocupando-se muito com as subdivisões dos conteúdos e ignorando a abrangência do assunto nas diversas disciplinas curriculares e não somente nas ditas transversais. O multiculturalismo não está centralizado somente nas diferenças de representações culturais, pelo contrário ele está alicerçado nas lutas sociais pela emancipação das diferenças de identidade, está impregnado de necessidade de aceitação do outro e suas manifestações enquanto ser cultural e ser social que demanda direitos e perspectivas humanas, conforme muito bem delimitou Antônio Flávio Barbosa Moreira (2001):

[...] para melhor desnaturalizarmos, no currículo, as fronteiras que nos isolam dos outros, precisaríamos atravessar a fronteira sagrada que, de certo modo, ainda aparta o mundo acadêmico do mundo dos movimentos sociais. Talvez precisássemos sair do microcosmo acadêmico e entrar em contato com o mundo exterior, inventando um conhecimento engajado. (Moreira, p.68. 2001).

Torna-se preciso derrubar as fronteiras disciplinares, salpicar os conceitos culturais de identidade, diversidade, empatia, respeito permitindo uma visão mais ampla do conjunto, pois as lutas sociais estão permeadas dentro da sociedade como um todo, e exige que a hibridização do conhecimento.

O multiculturalismo flerta com a necessidade eminente de se fazer germinar no outro, o cidadão-aluno, o interesse pelo modo do outro viver, sentir, agir, pensar e ser. Essa realidade não poderá ser concretizada sem a participação do agente principal desta modificação de realidade: educador. Não basta que os preceitos estejam verbalizados nos parâmetros e seus apêndices, faz se necessário que o agente norteador desses preceitos esteja preparado para sensibilizar o aluno para essa nova visão de perceber o outro com suas adversidades e igualdades também, para conseguir abrir a trajetória de um caminho que conduz a aceitação, empatia e respeito.

Segundo Canen e Oliveira (2002) o olhar multicultural não pode se fechar em fronteiras de disciplinas rígidas, ele deve ser plural e sensível:

Sínteses criativas a partir de olhares plurais só têm a contribuir no caminho da construção de alternativas educacionais propiciadoras da formação de gerações abertas à diversidade cultural, e desafiadora de congelamentos identitários e preconceitos (CANEN, 2007, p. 101).

O currículo escolar deve estar permeado pela essência da diversidade, o multiculturalismo não deve ser concebido como um complemento, “mas horizonte de trabalho”. (CANEN, 2007).

### **Formação Docente e a diversidade cultural**

A formação do profissional responsável pela abordagem da temática da diversidade cultural é de crucial importância para o real aproveitamento dessa reflexão no processo ensino aprendizagem. O processo educacional é a via mais atingível de exercício da cidadania e remissão das sequelas deixadas pelas desigualdades sociais e discriminação cultural.

A escola é o núcleo mais próximo de reflexão sobre as diferenças sociais, de identidade e reconhecimento. É o espaço de debate, onde as culturas heterogêneas se encontram e necessitam conviver em harmonia, por isso é o meio mais favorável para a abordagem de mudança de comportamentos e atitudes. Fora do convívio familiar, a escola é a segunda porta mais aberta ao trabalho de conscientização sobre o respeito às diversidades, a empatia em relação ao que nos é diferente e principalmente a atenuação e se possível extinção das exclusões culturais e reconhecimento da pluralidade.

O questionamento a ser feito não se exime somente a inclusão das temáticas do multiculturalismo nos currículos educacionais, mas principalmente se os facilitadores do conhecimento estão sendo preparados pedagogicamente para a abordagem dos temas com seus educandos de forma plural, ampla, desenvolvendo posturas de saberes renovados que se comuniquem com a realidade do aluno, com suas nuances sociais e políticas, a fim de que através dessa correlação possa se desenvolver a transformação do olhar que o cidadão imprime sobre o outro e suas diferenças.

Faz-se necessário instrumentalizar os educadores para a valoração da diversidade, para a transformação do convívio social através do respeito e empatia em relação ao que é caro e importante ao indivíduo, é preciso educar para a sensibilidade aos valores do outro, pois somente assim é possível construir um panorama de compreensão, respeito e aceitação que propiciam a inter-relação entre as culturas, desenhando assim o mosaico de identidades que costura e alinha as bases de nossa sociedade democrática e igualitária.

O papel do educador transcende o de mero transmissor de conhecimento, ele tem o papel fundamental de modificar a sociedade despertando o senso crítico de seus alunos, para uma perspectiva multicultural de valorização das identidades e suas diferenças.

O educador deve ser o facilitador no processo de rompimento do olhar imposto por uma ideologia dominante que homogeneiza o que é conveniente e exclui o que julga inferior. Ele deve incitar o exercício de questionamento entre as relações de cultura e poder, guiando seus alunos na busca de uma cidadania crítica que rejeite estereótipos preconcebidos pelos eixos de poder. Ele, o educador, não tem opção, sua escolha e engajamento é com a transformação da sociedade e para isso é preciso que seja transformado também, sua formação precisa estar alinhada a esta perspectiva de mudança de olhar e aceitação do outro. Xavier e Canen (2005, p.336) bem traduzem esta necessidade:

Trabalhar em prol de um modelo de professor apto a compreender o conhecimento e o currículo como processos discursivos, marcado por relações de poder desiguais que participam da formação das identidades. Implica tensionar conteúdos pré-estabelecidos e pretensões a verdades únicas, procurando detectar vozes silenciadas e representadas nesses discursos curriculares, de forma a mobilizar a construção de identidades docentes sensíveis a diversidade cultural e aptas a formular alternativas discursivas transformadoras, desafiadoras do congelamento de identidades e estereótipos.

O professor deverá então a partir de uma concepção crítica da realidade, promover o crescimento moral e social dos indivíduos, levando em conta para isso as nuances do cotidiano de cada um, seus costumes, realidade, identidade e diferenças culturais.

### **Considerações finais**

Não há como dissociar a educação da abordagem multicultural na sociedade atual, pois um está intrínseco ao outro e vice versa, o processo ensino e aprendizagem está envolto nas temáticas culturais de reconhecimento, identificação e aceitação, muito mais do que qualquer cidadão possa imaginar.

A escola como núcleo de produção de conhecimento e motor gerador de transformações sociais por si só aciona a mola que propulsiona a emergência de inter-relações socio-

culturais, mas além disso ela deve ser também o núcleo de conscientização da necessidade de mudança de postura ante a diversidade cultural, abrindo caminho para visões críticas que ultrapassem as ideologias dogmáticas presentes em nosso contexto social.

A educação é, talvez, a mais eficiente e concreta ferramenta de modificação de uma realidade. Somente ela através da formação em valores, consegue promover a mudança de visão e fazer brotar o olhar diferenciado sobre o outro, respeitando o outro em sua diversidade, porque na verdade muito mais que diferentes, nós somos diversos e educar para a diversidade é cultivar a esperança de um futuro mais fraterno, onde culturas convivam, comunguem e coexistam em sintonia, empatia e respeito.

Talvez este seja o maior desafio da escola, fazer do multiculturalismo uma realidade concreta, lançando sobre o outro um novo olhar que respeita o diverso em todas as suas nuances e singularidades.

O sentimento de pertencimento a um grupo social, com suas crenças e tradições respeitadas, nada mais é que o movimento que mantém viva as raízes e a identidade de um povo. E a identidade construída a partir do reconhecimento das diferenças é primordial para a consolidação do que se viveu e para construção de forma equilibrada do que está por vir.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa/Rio de Janeiro, Difel/Bertrand, 1989.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1934**. Disponível em:<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 09 de outubro de 2018.

CARDOSO, C. M. **Tolerância e seus limites: um olhar latino-americano sobre diversidade e desigualdade**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CANAU, Vera Maria, ANHORA, Carmen Teresa G., (2000). **A questão didática e a perspectiva multicultural: uma articulação necessária**. Trabalho apresentado na 23ª Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, MG.

CANEN, Ana. **O Multiculturalismo e seus Dilemas: implicações na educação**. Comunicação & Política, v. 25, p. 101, 2007.

CANEN, Ana, MOREIRA, Antonio Flavio B., (2001). **Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente**. In: CANEN, A., MOREIRA, A. F. B., (orgs.). *Ênfases e omissões no currículo*. Campinas: Papyrus, 2001.

CANEN, A.; OLIVEIRA, A. M. A. **de Multiculturalismo e currículo em ação**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.21, p.61- 74, set./dez. 2002.

CANAU, V. M.F. **Pluralismo cultural, cotidiano escolar e formação de professores**. In: CANAU, V. M. F.. *Magistério construção cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1997.

COSTA, S.; WERLE, D. L. **Reconhecer as diferenças: liberais, comunitários e as relações raciais no Brasil**. In: SCHERER WARREN, I. et al. *Cidadania e multiculturalismo: a teoria social no Brasil contemporâneo*. Florianópolis/Lisboa: Editora da UFSC/Socius, 2000, p. 82-116.

FISCHMANN, Rosely. **Educação, direitos humanos, tolerância e paz**. In: Paidéia, v. 11, n. 20. Ribeirão Preto: 2001.

FRASER, Nancy. Recognition without Ethics? In: *Theory, Culture & Society*. (SAGE, London, Thousand Oaks and New Delhi). Vol. 18 (2-3): 21-42, 2001ª.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo**.

Educação & realidade, v.22, n.2, p.15-46, nº: 02. 1997.

MCLAREN, P. (1997). Multiculturalismo crítico. São Paulo. Cortez.1997.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. **A recente produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil(1995-2000). Avanços, desafios e tensões.**Revista Brasileira de Educação, 2001. Disponível em< <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n18/n18a07>> Acesso em 10 de outubro de 2018.

MOREIRA, Antônio Ferreira e CANDAU, Vera Maria, (2003). **Educação escolar e culturas: construindo caminhos.** Revista Brasileira de Educação, nº 23, mai-ago, 2003. Disponível em< <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27502312>> Acesso em 10 de outubro de 2018.

NACIONAL, **Parâmetros Curriculares.** Disponível em< <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em 15 de outubro de 2018.

RITZER, G. Teoria Sociológica contemporânea. Trad. Maria Teresa Casado Rodrigues. Madrid: McGRAW-HILL, 1991.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **A Educação em Tempos de Neoliberalismo.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma concepção multicultural de direitos humanos, 1997. Disponível em< [http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Concepcao\\_multicultural\\_direitos\\_humanos\\_RCCS48.PDF](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Concepcao_multicultural_direitos_humanos_RCCS48.PDF)>. Acesso em 12 de outubro de 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.Por uma concepção multicultural de direitos humanos.

SANTOS, Boaventura de Sousa. NUNES, João Arriscado. **Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade.** In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.).*Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural.* Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, 2003(Série Reinventar a emancipação social: para novos manifestos, v.3).

\_\_\_\_\_. **Os processos da globalização.** In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). A globalização e as ciências sociais. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo.** Tradução: Laureano Pelegrin. Bauru, SP: Edusc, 1999.

TAYLOR, C. **As fontes do Self.** São Paulo: Edições Loyola, 1997.

Recebido em 4 de dezembro de 2018.

Aceito em 20 de fevereiro de 2020.